

REFLETINDO SOBRE O ETHOS DO PROFESSOR DA REDE PÚBLICA DE ALAGOAS: PRODUÇÃO TEXTUAL E O USO DA TECNOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE.

Kathia Maria Barros Leite (UFAL/PPGL)
kathialet@hotmail.com

Introdução

O presente trabalho visa a discutir o Ethos (AMOSSY, 2005; MAINGUENEAU, 2006) revelado do professor da rede pública do Estado de Alagoas diante do discurso contemporâneo sobre a tecnologia e as diversas ferramentas da web 2.0 e como essas são pensadas em relação à produção textual. Baseado numa pesquisa de natureza qualitativa (TRIVIÑOS, 2007) dentro da Linguística Aplicada, propicia uma visão geral sobre o uso das tecnologias pelos professores de Produção de texto na contemporaneidade e suas funções no contexto educacional. Dessa forma, o trabalho, ainda em andamento, analisa os dados do Projeto de extensão: Professores das escolas Públicas de Alagoas: gerando reflexões e ações (PROEX/FALE/UFAL) e tenta esclarecer algumas questões sobre o comportamento desses professores diante da produção escrita, como eles se veem diante da tecnologia e como essa imagem denota a necessidade que este professor diz ter em relação ao mundo virtual. . Há nessa temática duas grandes perguntas, a primeira seria como direcionar o professor para o universo de informatização da educação, que de certa forma já esta acontecendo e sendo motivada pelas editoras e pelas coordenadorias de ensino, mas será que motivação apenas basta? E a outra grande questão, essa ai a que nos cabe de forma pessoal, seria refletir quais as diversas possibilidades de produção de texto em que estão inseridos os estudantes e como os professores de produção textual poderão usar isso ao seu favor.

1. O Ethos e a função do professor na sociedade

Os estudos sobre o ethos, não é de forma alguma novidade no campo de estudo da análise de discurso, nem tão pouco dos estudos em Linguística Aplicada, no entanto há em seu cerne algo que ainda não conforta os estudiosos que é a sua forma intuitiva de agir sobre determinadas situações. Ao pensarmos em ethos, logo nos vem a mente as concepções aristotélicas, no entanto, hoje, essa concepção já sofreu diversas influencias de disciplinas de diversos tipos e áreas e isso faz com que o termo ethos, antes ligada

apenas à retórica seja, hoje, mais abrangente sendo inclusive determinado por questões sociais de diferenças étnicas e sexuais (Salgado, 2008. p. 13).

O que é importante ressaltar é que para Maingueneau (Possenti, 2006. P. 53) o ethos é uma experiência sensível do discurso, ele mobiliza a afetividade do destinatário e isso é visível quando se trata do outro através de suas ações, de suas escolhas, seus anseios e até mesmo de seus medos. Isso tem a ver com educação? Óbvio. É isso que a escola espera de nós professores, devemos ser super-heróis e nessa “super-missão” nos tornamos sujeitos sem um ethos, ou seja sem uma individualização, sem características pessoais que os distingue, deixamos de ser sujeitos individuais e nos tornamos sujeitos institucionais - “profissionais perfeitos” - e isso acaba em frustração para o professor, para o aluno e conseqüentemente para a sociedade. Nesse sentido, fica claro esse pensamento a partir de Moran ao afirmar que os docentes precisam estar atentos o tempo todo ao fato de que:

Educar é estar mais atento às possibilidades do que aos limites. Estimular o desejo de aprender, de ampliar as formas de perceber, de sentir, de compreender, de comunicar-se. Apoiar o estado de prontidão para aprender dentro e fora da escola, em todos os espaços do nosso cotidiano, em todas as dimensões da vida. Estar atento a tudo, relacionando tudo, integrando tudo. Conectar sempre o ensino com a pessoa do aluno, com a vida do aluno por todos os caminhos. Educar é procurar chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação, pela multimídia. (MORAN, 1998, p. 88).

Fica claro então que ser professor é ser quase que infalível, educar é usar todos os caminhos, todos os espaços, não existe um espaço para o erro, para a falência e é por isso que muitos professores se sentem desmotivados, não dá para levarmos dentro de nós a carga de sermos sempre os melhores e isso se faz presente na fala dos indivíduos da pesquisa quando P1 (professor 1) diz “**Entendo que hoje, deixando de lado a questão da valorização do professor**” os professores sempre se sentem desvalorizados, não só pelo salário, mas pelo alunado e principalmente pela equipe, uma vez que todos acham que fazem mais do que mesmo a sua obrigação.

2. Metodologias digitais para as aulas de produções de texto

Sabemos que a produção de texto digital influencia na formação de uma ou várias identidades do sujeito pesquisado, compreendendo como essas ações se apresentam de

forma efetiva na transformação social, cultural e profissional desse indivíduo. Entendo que a tecnologia surge como um princípio fundamental para a acessibilidade a cultura e a conhecimentos dos sujeitos em ambientes reais e (ou) virtuais acessibilidade que interferem na prática pedagógica estabelecendo uma discussão de até que ponto a internet e as Tic's são suficientes para constituir no processo de produção de texto e como o professor, que ensina a produzir um texto pode ter a destreza de o mesmo ser também produtor do texto e de revelar suas identidades pessoais em mundos digitais.

Para atingir os objetivos, no presente trabalho usamos o método etnográfico e o método clínico, o primeiro segundo Lakatos (2010; 94) consiste no levantamento de todos os dados possíveis de uma sociedade ou de um determinado grupo, com a finalidade de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura desses sujeitos. Esse método está baseado na observação é descritivo, contextual, aberto e profundo, o que segundo Wilcox (1993 *apoud* Lakatos 2010) implica:

- a) Aceder, manter, desenvolver uma relação com as pessoas geradoras de dados;
- b) Empregar uma variedade de técnicas para coletar o maior numero de dados e/ou informações, aspecto que redundará na validade e confiabilidade do estudo;
- c) Utilizar teorias e conhecimentos para guiar, informar as próprias observações do que viu e ouviu, redefinir temas e depurar o processo de estudo.

Para conceber as intervenções utilizamos o método clínico, que segundo Lakatos (2010; 95) caracteriza-se por possuir relação íntima e pessoal entre o entrevistador e o sujeito e o emprego de uma serie de dados ou sinais. Para uma execução do método nos valeremos das técnicas de entrevistas, histórias de vida, observação e interação de relação pessoal.

Portanto, é necessário nessa pesquisa além de todo o conhecimento dos fatos, ou seja da verdade empírica do professor produtor de textos e dos alunos como produtores de textos digitais, a análise da teoria e da ciência para que haja uma orientação e restrição da amplitude dos fatos a serem estudados, selecionando dentro do universo de possibilidades os dados que serão relevantes para objeto de análise.

Para levantamento de dados utilizamos a observação direta intensiva, que nesse caso agrega duas técnicas: a observação e a entrevista. Com a observação dos textos produzidos pelos professores, bem como seus perfis de internet, seus blogs, chats de

bate papo, para analisarmos a produção, exploração e divulgação desses textos, essa observação será registrada através de coleta de dados impressos e virtuais, esses dados serão profissionais e pessoais, para que seja respondida a pergunta sobre que tipos de textos esses sujeitos estão produzindo e como estes textos estão sendo veiculados ou divulgados.

Para o estudo de investigação social das identidades do sujeito utilizamos entrevistas, que por sua vez nos ajudaram a nortear o ethos dos indivíduos que dão aula de produção de texto e como podemos direcionar esses estudos a partir da WEB 2.0, analisar por meio das definições individuais respondidas em entrevistas a necessidade de se trabalhar mais essa preparação do professor para a produção de textos digitais, adequar as determinadas situações para gerar um ambiente propício à esse tipo de produção e assim prever qual seria a sua postura diante da escrita digital como professor, a fim de compreender o que deveria ter sido feito e o que é possível fazer. Por fim, inferir que condutas esse professor poderá ter ao se ver diante das inúmeras possibilidades do uso da web 2.0, como ele se constituirá professor no futuro, conhecendo a maneira pela qual ele se comportou no passado ou se comporta no presente, quanto a ser digitalmente aceito.

Desse modo, a inclusão de recursos tecnológicos em sala de aula, há de ser compreendida não por uma série de perspectivas de auxílio em dinamização de aulas apenas, mas pela multiplicidade de funções a ela atribuída, funções que norteiam a identidade dos sujeitos, bem como a sua atuação no mundo contemporâneo, questionamentos possíveis, se pensarmos no grande universo de pensamento de professores que desprezam o universo on line, portanto é essa análise das práticas de leitura e escrita na internet e pela internet que nos fará constituir um perfil particular do professor blogueiro, do professor que utiliza-se das redes sociais para comentar, justificar, analisar e expor conceitos posteriores a sua aula, professores que alimentam nos seus alunos a necessidade de produção, produção que deve ser lida, avaliada, curtida e compartilhada, professor que é capaz de desvincular-se do universo de produção textual estagnada pela modernidade e ver nesta a oportunidade de construir consciência crítica e expressividade na escrita digital, isto é, explorar a forma linguística que a web explora de nós, socializar-se letrado virtualmente e buscar no mundo digital a autonomia do ser e dessa forma colocar-se em diálogo com o outro.

Essa preocupação em ver a utilidade do uso do computador para o currículo pedagógico vem alimentando estudos cada vez mais complexos na área educacional,

pois os alunos estão chegando à escola com mais vontade de ver e contribuir para a sua formação escolar, diante dessa vontade temos a tecnologia, somos a terceira geração de celulares e tablet`s cada vez mais potentes, lidamos com a agilidade e o imediatismo das informações de forma lúdica e prática, podemos usar num mesmo celular, internet, TV, radio, filmar, fotografar, gravar vídeo e vozes e todos esses recursos devem ser associados a escola sob forma de produção viva de conhecimento ou seja, o segredo não é usar o vídeo, as imagens expostas, o segredo é produzir o vídeo, compor seu blog, instigar a produção através da própria criação.

Esse é o novo olhar do professor de produção textual, olhar que apresenta o mundo através da escrita e da oralidade, Steven Johnson afirma que o uso de um processador de texto muda a nossa maneira de escrever, não só por que estamos nos valendo de uma nova ferramenta, mas também por que o computador transforma fundamentalmente o modo como concebemos a frase e o pensamento que se desenrola paralelamente ao processo de escrever, isso por que sabemos que alguém vai ler, mas não é um só alguém professor, é todo alguém que curta o meu blog, o meu pensamento, a minha ideia e isso pesa e muito para a minha identidade digital.

3. Análise dos dados

A pesquisa realizada no projeto de extensão **Professores das escolas Públicas de Alagoas: gerando reflexões e ações**” conta com 6 professores da rede municipal e estadual de ensino de alagoas, dois professores coordenadores e 6 alunos colaboradores. Inicialmente foi aplicado um questionário para a sondagem desses professores, quando abordados sobre quais temas lhe causariam mais interesse 6 optaram pela leitura, 4 pela escrita e 4 pela tecnologia os outros pela variação, é fácil verificar que o discurso desses professores se encontram, ao serem perguntados pelas dificuldades encontramos as seguintes respostas:

I - Em sua opinião, o que é dar aula de Língua Portuguesa na atualidade? Por quê?

Professor 1 - Entendo que hoje, deixando de lado a questão da valorização do professor, torna-se uma competição muito injusta com o mundo virtual. Os alunos tem acesso a um mundo totalmente informal e quando tem que optarem entre o que é correto e este mundo, o fazem por um mundo mais próximo e, para ele, mais atrativo.

Professor 2: É bater em uma educação falida, baseada num sistema deficiente. Pois cada dia a língua portuguesa sofre a desvalorização e a ação da tecnologia, refletindo na falta de interesse dos próprios alunos.

Professor 3: Desafiante, visto que o ensino de língua portuguesa bem como as demais matrizes e nossos colegas de profissão, nos deparamos ultimamente com uma inovação tecnológica chamada de redes sociais que se disseminou entre as pessoas especificamente entre os jovens e que estão importando para dentro da sala de aula, dividindo assim a atenção na aula e nos atrativos das redes sociais. Como consequência a aprendizagem, o feedback, o raciocínio é comprometido.

Professor 4: Ministrando aula de língua portuguesa tem sido um grande desafio, por que os alunos sentem-se atraídos pelas novas tecnologias e não têm interesse em adquirir informações através de outros meios. Além disso as péssimas condições de infraestrutura da escola comprometem muito no processo de ensino-aprendizagem.

Como podemos constatar os professores de produção de textos sentem uma angústia em relação ao uso exacerbado da tecnologia, é interessante verificar que esses professores sabem que podem usar a tecnologia na sala de aula, mas tentam separar esse uso do cotidiano e é esse olhar que não podemos mais ter, de que estar dissociado sala de aula e tecnologia, um está ligado ao outro, por que se eu tenho no discurso de P3 que a consequência da tecnologia é o comprometimento do raciocínio, eu desvinculo totalmente o uso da tecnologia para ensinar a pensar, interagir, dialogar e a argumentar e todas essas capacidades são decorrentes dos PCN's de língua portuguesa.

O outro problema abordado por esses professores é a falta de empenho para a leitura e escrita, no entanto, a leitura vai além daquilo que é ensinado em sala de aula, é algo que vai além do próprio texto e que a escrita, embora tenhamos uma gramática normativa, não se baseia apenas nela. É interessante ver os comentários dos professores quanto o desafio é o ensino de língua, para nos sensibilizarmos da angústia de olharmos além do que temos como recursos.

II - Quais são suas dificuldades em relação às aulas de Língua Portuguesa? Por quê?

Professor1: Hoje além da briga com o sistema, que a meu ver privilegia a falta de interesse e a indisciplina do aluno, é o acesso às redes sociais, que tornam os alunos reféns e próximos de uma escrita demasiadamente informal.

Professor2: Manter a atenção do aluno. É possível apontar vários fatores para essa falta de atenção a tecnologia é uma, a falta de estrutura familiar....

Professor 3: Não vejo maiores dificuldades no processo de transmissão do saber, das informações inerentes ao conteúdo trabalhado, isso por que além de usarmos técnicas inovadoras no processo metodológico, mais que isso é preciso adentrar no mundo desses jovens e procurar compreendê-los.

Professor 4: As dificuldades estão relacionadas à prática de leitura e produção de textos, porque tem sido cada vez mais difícil incutir no aluno o gosto pela leitura e escrita de forma prazerosa. É um desafio manter os alunos de hoje se dedicando na aula e fazer com que o conteúdo de ensino seja realmente para eles.

Sabemos que o uso de computadores, redes sociais, fanfics, todo aparato tecnológico não resolverá sozinhos essas dificuldades, mas é perceptível que a leitura de textos variados ocorre na internet, e que os alunos também comentam, opinam, escrevem e interagem, que reportagens jornalísticas podem ser revisadas em sala de aula, jornais podem ser acessados on-line por celulares, i-phones etc, livros e contos podem ser salvos e lidos na sala de aula. Releio aqui o pensamento de Steven Jobson, ler através do computador e do celular é a mesma leitura, mas há algo lá que seduz e que brinca com o universo de leitura e da escrita, esse universo é a web 2.0 que assim como o sistema nos dá a ilusão de que estamos livres para fazer o que queremos, Pois lá nós não apenas lemos, nós criticamos, comungamos do mesmo pensamento e socializaremos a leitura e a escrita.

Dessa forma podemos ver que os discursos são uníssonos quando se falam em tecnologia, há um desejo de se aproximar, no entanto, esse desejo é frustrado. O ethos desses professores revela o que C. Kerbrat-Orecchioni chama de ethos coletivo onde os hábitos locucionais partilhados por membros de uma comunidade se constituem de

modo imperceptível no entanto obedecem a uma certa coerência que os caracterizam.
(p. 16)

São abundantes as vantagens desses recursos no cotidiano da escola: tecnologia acessível; facilidade no manuseio; é prazeroso para quem faz e para quem assiste; aplicável em vários conteúdos /matérias curriculares. Inúmeras são as possibilidades: aumentar a autoestima do aluno; estimular o senso estético e a criatividade; desenvolver a visão crítica; oportunidade de aprendizagem. Os moldes de instrução clássica não nos convêm mais, por isso é importante fazer os experimentos críveis nas nossas condições concretas. Podemos principiar por configurações de emprego das novas tecnologias mais simples e ir adotando atividades mais complexas. Conhecer, analisar e conhecer novamente é a chave para a inovação e a mudança almejadas e indispensáveis. Na formação docente:

[...] é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas nas quais a função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores. (MERCADO, 1999. p. 12)

Como o projeto ainda está em andamento não podemos constatar se as ações e as reflexões desses professores possibilitará esse novo olhar para a escrita digital, mas todos concordam, a partir do resultado do segundo questionário, com a ideia de que é preciso sim utilizar esses artifícios da web 2.0 como auxílio para uma escrita autônoma que passa do professor para o aluno através de blogs, paginas de redes sociais, site e grupos restritos e do aluno para o mundo, para o reconhecimento. Resolvendo em parte um questionamento recorrente do professor de produção de texto: “o que fazer com essa infinidade de textos que recebo diariamente de alunos dos mais variados níveis e series?”

Enfim o monitoramento da escrita se eleva e melhora devido a exposição do texto, o aluno se torna co-responsável pela correção. Embora haja uma ideia do senso comum de que escrever na internet é escrever de qualquer jeito, as pessoas têm se preocupado muito em escrever com coerência e expressividade para serem lidas, curtidas, compartilhadas e seguidas pelo mundo digital.

O que estamos querendo dizer é que esses professores escrevem e leem, buscam a perfeição e o empenho no cumprimento do seu papel, ensinar a ler e a escrever, mas

onde se constroem essas identidades, esses discursos? Esses discursos emergem das mais variadas situações da sala de aula, o professor é vítima e sofredor ao mesmo tempo e estão em busca de um agir no mundo social.

Conclusões

O que se percebe com esta pesquisa é que os professores de produção textual e de análise linguística sentem-se confortáveis com as novas tecnologias, mas que não sabem de verto como torna-la eficiente para práticas de textos efetivos buscando através do auxílio dos recursos midiáticos que o aluno desenvolva autoridade na sua prática de escrita e possa identificar suas próprias falhas, resolvendo seus problemas com a língua, e que assim possam gostar das aulas de redação, porque agora detêm o conhecimento.

E que o ethos visado desses professores que se acham autônomos na prática de textos através da web 2.0, muitas vezes não é o ethos produzido, ou seja, um professor pode achar que só em usar um recurso tecnológico tornou a aula diferente, no entanto a aula preenche os mesmos requisitos que possuía sem o uso das ferramentas tecnológicas. Isso confirma o que já vem sendo debatido há muitos anos, na teoria e na prática. Não é o recurso tecnológico que torna a aula melhor, mas sim o que o professor é capaz de comandar para que os alunos façam com esse recurso, ao professor cabe o papel de influenciar e isso só ocorrerá se este estiver prontamente apto, consciente do seu papel de persuadir e convencer ao alunado, a si mesmo e a comunidade escolar de que seu conhecimento e sua prática funcionam.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Da noção retórica de ethos à análise do discurso.** in: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos.* São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Inclusão digital do professor: formação e prática pedagógica.** São Paulo: Ed. Articulação. 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRAGA, D. B. **“A Comunicação Interativa em Ambiente Hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital.** In: XAVIER, A.C. & MARCUSCHI, L. A.(Orgs.) *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção*

de sentido. Rio de Janeiro: Ed Lacerna, v. 1, 2004, pp. 144-162.

BORGES, P. (2003) **A força da internet nas salas de aula**. Correio Brasiliense. Caderno especial, 15/4. Em: [www2. Correioweb. Com.br/cw/ edição_20030415](http://www2.correioweb.com.br/cw/edição_20030415). Último acesso em 19/01/2012

CAVALCANTI, M.C. *Um evento de letramento como cenário de construção de identidades sociais*. In: Maria Inês Pegliarini Cox; Ana Antonia de Assis – Peterson. (Org). *Cenas de Sala de Aula*. 1 ed. Campinas:

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KENSKI, Vani Moura. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP, Parirus. 2007

KOMESU, Fabiana. **Pensar em hipertextos**. In: ARAÚJO, J.C; BIASIRODRIGUES, B. *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005, p.87-108.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**.7.ed. – São Paulo : Atlas, 2010.

LEFFA. V.J. **Texto, hipertexto e interatividade**. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 166-192, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Ethos, cenografia, incorporação**. in: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2008a.

XAVIER, Antonio C. S. *da informação: a O Hipertexto na sociedade constituição do modo de enunciação digital*. Tese de Doutorado, Unicamp: inédito, 2002. Acesso em: ago, 2007